

'Né', Roosevelt

Estou nos Estados Unidos. Uso para ver as coisas do Brasil o que os pintores chamam de olhar distante, em que as paisagens estão mais longe na memória, e os olhos mais perto dos sonhos.

Não estamos sós, na agonia e na pressa para enfrentar problemas e desafios.

Aqui, também, são imensas as dificuldades. Não falo somente do campo externo. Há graves preocupações internas. O déficit público, a dívida, o nó da guerra do Iraque, a queda do dólar, o desemprego etc. Sei que não é consolo, mas serve para compreensão.

Viajo há 40 anos para este país, que muito admiro. Já chego como aquele velho embaixador que, ao regressar aposentado, vive a procurar pelos restaurantes que já morreram.

Tudo mudou ao longo desse tempo. Mas nenhuma mudança maior que a perda do *american dream*.



JOSÉ SARNEY
PRESIDENTE DO SENADO

Os valores da liberdade, dos direitos humanos, da igualdade de oportunidades, como ideal a ser doutrinado, evangelizado para melhorar o homem, cederam lugar ao orgulho da força, hegemonia, prepotência.

Muito tem a ver com isso o aspecto mediático do presidente George W. Bush, com a imagem do gigante ameaçador. Seus entornos não são simpáticos. Condolezza Rice não é bem um símbolo da mulher que você convida para uma festa de caridade. É mais para chefe de disciplina de reformatório de meninos peraltas.

Eu, nesse clima, da geração do após Segunda Guerra Mundial,

saudosista da velha América, resolvo ir uma vez mais a Hyde Park, ao Memorial Roosevelt, sua velha casa, à beira do Rio Hudson, de onde, em companhia de Churchill, conduzia o conflito. Encontro tudo em abandono. As folhas do outono que começam a cair espalham-se em tons amarelos e roxos por um gramado descuidado, onde não parece haver mãos de estima e respeito. Ali é um templo onde se juntam a História, um homem notável e um exemplo.

O Jardim onde ele está sepultado com Eleanor, chamado das rosas, está sem flores nem trato. Há um guia de chapéu de guarda florestal que, com sonolência e cansaço, fala dos compartimentos da casa e não do seu símbolo.

Nessas contradições de viagem, volto ao FAO Schwarz, quase centenário empório de brinquedos para crianças, onde já comprei bonecas e polichinelos, acrobatas e

trenzinhos para os filhos, depois para os netos, e agora para os bisnetos.

Há de chegada um corredor inteiro de brinquedos de guerra: metralhadoras, soldados sofisticados, aparatos de destruição, camuflagem, tanques, aviões, enfim, uma cultura de guerra. Para completar, toda uma seção de grande promoção do jogo Massive Action! Saio rápido e tenho medo do que pode acontecer quando os meninos são educados com esse apelo à violência. Fico mais radical no banir as armas e os brinquedos de armas, no Brasil.

No mais, o delírio do consumismo, os gráficos de ações, o sobe e baixa, do mercado futuro e do exterminador do futuro.

Lembro o velho do Restelo, de Camões, ao ver a passagem da aventura dos mares: "Para quê?"

Também não sei. *Né!*, como dizem os japoneses.

O senador José Sarney (PMDB-AP) escreve nesta página às sextas-feiras